

“O FUTURO DA LITERATURA” E “O DESTINO IMINENTE DAS LETRAS” DE PAUL VALÉRY*

VALÉRY, Paul. L’avenir de la littérature. In: VALÉRY, Paul. **Souvenirs et réflexions**. Édition établie, présentée et annotée par Michel Jarrety. Paris: Bartillat, 2010. p. 131-138.

VALÉRY, Paul. Le destin prochain des lettres. In: VALÉRY, Paul. **Souvenirs et réflexions**. Édition établie, présentée et annotée par Michel Jarrety. Paris: Bartillat, 2010. p. 173-179.

Iracy Ferreira dos Santos Júnior**
(Tradução do francês)

APRESENTAÇÃO

Considerado por Michel Jarrety¹ “um dos escritores mais gloriosos de seu tempo”, Paul Valéry nasceu em 30 de outubro de 1871 e faleceu em 20 de julho de 1945. Reconhecido por sua poesia, de natureza formalista, capaz de conjugar o espírito e a sensibilidade, o som e o sentido, cuja rima lhe permite aproximações das mais inesperadas ideias, cujo ritmo revela sentidos secretos, Valéry também apresenta uma prosa-poética contida nos seus *Cahiers* privados, cujo intuito é tratar de domínios que concernem à vida individual e coletiva: filosofia, literatura, psicologia, história, artes, política. Seus *Cahiers*, assim como sua vida, portam o inacabamento como um grande traço da Modernidade. São compostos de variedades temáticas, marcados por digressões, cortes e evasões abruptas e, muitas vezes, apresentam um caráter difuso e vago, como se tudo fosse um perpétuo rascunho. Escritor paradoxal, obstinado, voltado para si, para seu espírito, intempestivo, amante da perfeição, teórico posterior ao movimento simbolista, amado pelos revolucionários surrealistas no início, mas depois rejeitado, ele é artesão de um movimento crítico que encontrará no fim da Segunda Grande Guerra seu esgotamento e sua conclusão e será congelado pela crítica literária nos estreitos limites de uma imagem quase caricatural de um intelectual abstrato, acadêmico e distante do mundo, frio, demodê, obscuro.

* Tradução recebida em 21/03/2024 e aprovada para publicação em 15/05/2024.

** Doutorando em Filosofia pela USP e mestrado em Filosofia pela UFOP, graduado em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: jrgbi@usp.br.

¹ Michel Jarrety é antigo aluno da École Normale Supérieure de Paris e professor na Université Paris-Sorbonne desde 1999. Autor de várias obras, ele é especialista na obra de Paul Valéry, a quem dedicou uma biografia em 2008. (<https://obvil.sorbonne-universite.fr/obvil/annuaire/michel-jarrety>) (N.T).

Valéry nutre uma desconfiança radical em relação à linguagem e a *fortiori* à literatura, assim como à filosofia, com suas ideias imprecisas e seus abusos conceituais. Para ele, a linguagem possui uma espessura, comporta uma ambiguidade que a faz ser, ao mesmo tempo, uma fonte de erros e um instrumento potente de descobertas. No seu uso ordinário, a função da linguagem é ser instrumento útil para comunicar e tocar em significações já existentes, mas se apaga no momento em que a comunicação se realiza. E, para ele, a literatura e a filosofia lidam com essa linguagem, operando um sistema de palavras que é muitas vezes arbitrário, que parece desconsiderar a ambiguidade constitutiva da própria linguagem, com seus acasos ou vazios e suas significações discordantes². Crítico dessa transparência da linguagem que se esvai diante do sentido, ele recusa um horizonte de vida em que a linguagem prolifera enquanto imagem instrumental do mundo; ele duvida de toda pretensão de universalidade de uma literatura convencional que, com seu realismo, visa fazer a expressão coincidir com o vivido, as palavras com as coisas, e de toda filosofia clássica que se refugia na metafísica conceitual e comete abusos linguísticos, inventando noções quanto lhe são necessárias sem se preocupar com a apreensão integral e com a história delas.

Por outro lado, Valéry encontra na linguagem da poesia o brilhantismo da forma, um gênero de emoção singular que visa engendrar figuras para si mesma, um afeto que tende a criar no leitor um estado poético ao qual estamos completamente entregues, no qual se produz ideias, sensações afetivas, veleidades³. Para ele, a poesia é a única arte capaz de se expressar por linguagem através da qual o texto não desaparece por trás de seu sentido, não se apaga diante do exprimido e nem se separa das palavras; ela não é significação, comunicação, mas um tipo de silêncio; é o exercício de uma “linguagem pura” que se volta para o mundo da expressão pré-linguística, o fundo sensível de toda palavra, ao invés de fugir em direção ao universal. Ela consegue unir, por meio de sua forma rítmica, pensamento e sensibilidade, som e sentido, de maneira misteriosa, pois porta em si o poder de deformar o sentido habitual das palavras, fazendo-as perder seu sentido cotidiano ao lhes atribuir novas significações, e de retornar ao estado nascente da linguagem para fazê-la dizer de outro modo. O poeta que multiplica as figuras não faz senão encontrar nele mesmo a linguagem em estado nascente. No

² A crítica de Valéry à filosofia e à literatura se encontra em diversos textos de sua obra: nos **Cahiers I**, dossiê “Philosophie”, p. 477-771; no **Cours de poétique I** – “Critique de la philosophie”; “Les philosophes ont pleins de clichés”, p. 325-366; nos **Cahiers II**, dossiê “Littérature”, p. 1143-1243; nas **Œuvres I**, “Calepin d’un poète”, p. 1447-1463; “Fragments des mémoires d’un poème”, p. 1464-1490 (N.T).

³ As reflexões de Valéry sobre a “poesia pura” podem ser consultadas nos seguintes textos contidos nas **Œuvres I**: “Questions de poésie”, p. 1280-1293; “Poésie et pensée abstraite”, p. 1314-1339; “Propos sur la poésie”, p. 1361-1377; “Nécessité de la poésie”, p. 1378-1389, bem como nos **Cahiers II**, dossiê “Poésie”, p. 1057-1142 (N.T).

ideal de uma poesia pura, ele vê a possibilidade de restabelecer o verdadeiro poder da linguagem, graças ao esforço de tentar reunir nela a experiência e a escritura, sem dissociar vida e obra, real e imaginário, sabendo que o escritor trabalha com um aparelho de palavras que não o governa e se serve dele sem o possuir totalmente.

Esse olhar crítico e cético sobre a linguagem da literatura e da filosofia, associado a uma crise existencial no início de sua carreira literária, conduz o jovem Valéry a um longo período de silêncio, afastando-o da função pública de escritor por mais de duas décadas⁴. Tal período, de 1892 a 1917, também é compreendido, por outro lado, como período de maturação de sua linguagem e demarca o início da escrita de seus *Cahiers* privados e sua pretensão de construir um sistema ao tratar de vários domínios do espírito. Esse longo silêncio é interrompido com seu retorno à cena literária, via poesia, com a publicação de *La Jeune Parque*, *l'Album de versancien* *Charmes*, entre os anos 1917 e 1922. Esse conjunto de poesias fez dele membro da Academia francesa e professor renomado do curso de Poética, no Collège de France, onde desempenhou a função de teórico pensador da própria literatura, sendo bastante solicitado para escrever conferências, prefácios, homenagens, testemunhos de seu percurso literário.

A partir desse breve quadro da vida intelectual e acadêmica de Valéry, desejamos apresentar e comentar duas de suas conferências intituladas *L'avenir de la littérature* e *Le destin prochain des lettres*, escritas respectivamente em 1928 e 1937 e recolhidas no volume *Souvenirs et réflexions*, pelo professor e escritor Michel Jarrety. Essas conferências testemunham, ao longo de aproximadamente dez anos, a tensão sentida pelo poeta francês diante da crise da literatura ou de uma certa tradição da cultura escrita, atemorizado pelas transformações na comunicação no mundo moderno: o surgimento das emissões de rádio, a escrita industrializada da imprensa e, em última instância, o desenvolvimento do cinema. Essas novas técnicas, de certo modo, ameaçavam transformar a literatura em puramente auditiva e oral e tendiam a constituir um público habituado a obviedades e à imediaticidade. Uma clara tensão entre a tradição escrita, cujo contato entre escritor e leitor é *tête-à-tête*, e o alcance iminente da oralidade, que atinge um público em massa. Sem dúvida, o labor literário e artesanal que o escritor realiza ao escavar a linguagem para nela encontrar a forma, as

⁴ Esse período de silêncio e de crise existencial de Valéry é conhecido pelos críticos literários como a *Noite de Gênova*, uma espécie de mito autobiográfico em que o jovem escritor se vê atravessado por uma crise sentimental aguda que o faz duvidar de suas competências intelectuais, conduzindo-o a renunciar sua iniciante carreira literária e, conseqüentemente, a função pública de escritor. Ele a descreve em: **Œuvres II**, p. 1434; **Œuvres I**, p. 854-855). Michel Jarrety trata desse tema na biografia dedicada a Valéry, no capítulo VII, “Mme Rovira et Salita de San Francisco”, In: JARRETY, Michel. **Paul Valéry**. Paris: Fayard, 2008 (N.T).

nuances, as superabundâncias, os desvios – com a intenção de atingir a sensibilidade e a inteligência do leitor e manter com ele uma relação de espírito a espírito –, estariam em perigo diante da iminente aparição dessas novas técnicas que tornavam a língua ordinária “cada vez mais pobre em formas complexas” e provocavam uma erosão da linguagem em seu uso poético e literário.

E essa crise pela qual passava a literatura era indissociável da crise que a Europa atravessava. Eventos de toda natureza, de ordem política, de ordem econômica, e mesmo de ordem intelectual, produziam nos espíritos uma inquietude, uma depreciação da esperança e sacudiam valores até então inabaláveis. Trata-se do que Valéry chamou de “crise do espírito europeu”⁵ que se vê assolado pela emergência do continente asiático. Esse mesmo espírito que era capaz de engendrar uma nova ordem de coisas no mundo, a ponto de transformar as relações do homem com a natureza por meio de uma ciência positiva, mantinha-se, ao mesmo tempo, atado a um passado de tradições, costumes, memórias, cujo ideal era a preservação de uma alta cultura que, ilusoriamente, resistiria ao poder da técnica e do progresso científico e econômico inevitáveis. Esse contraste revela uma clivagem entre aqueles que estavam dispostos a uma renovação mais audaciosa, mesmo desconsiderando seus possíveis riscos para a linguagem, a cultura e a sociedade, e aqueles que se mantinham ligados a um passado glorioso que resistia à técnica e à produção de novas sensibilidades, algo que colocava em contradição o próprio poder de transformação e de evolução do espírito europeu, visto desde o Renascimento, passando pelo Iluminismo e culminando na Modernidade. Como então “salvar o espírito” perante uma Europa em ruínas, e qual seria a responsabilidade dos escritores para reconstruí-la com inteligência? O próprio progresso, resultante do espírito, devoraria as produções mais admiradas e arruinaria seus próprios princípios? Os escritores se valiam da literatura como um fim ou como um meio? Qual seria o futuro da literatura diante da ameaça de decadência e da absurdidade da linguagem, que sofria com as transformações e mutilações de toda ordem? Ela teria a tendência a se adaptar às novas condições de movimento e caos da leitura nos transportes públicos, impostas pela vida moderna das grandes metrópoles? Como frear a alteração da língua numa época em que as pessoas se dedicavam cada vez menos à

⁵ O tema da crise do espírito europeu atravessa toda a vida de Valéry. Suas preocupações com a Europa, o destino do Continente, o papel do espírito para conservação da alta cultura e dos valores humanistas que guiam a sociedade são refletidos nos vários ensaios presentes nas **Œuvres I**: “La crise de l’esprit”, p. 988-1014; “La politique de l’esprit”, p. 1014-1040, na conferência “L’avenir de l’esprit européen”, p. 167-171, contida em: **Paul Valéry, Souvenirs et réflexions**, 2010. Além disso, um conjunto de reflexões sobre a atualidade da arte e da cultura se encontra também na coletânea “Regards sur le monde actuel et autres dialogues”, nas **Œuvres II**, p. 913-1366 (N.T).

leitura dos versos e mais à leitura de jornais, e as palavras perdiam seu poder de significação e começavam a desaparecer?

Muitas dessas questões são levantadas por Valéry nessas duas conferências e impressionam pela sua atualidade. Na conferência *O futuro da literatura*, escrita em 1928 para o suplemento literário da New York Herald Tribune⁶, ele se pergunta se a literatura terá um futuro, uma vez que se vê diante da concorrência das mídias de massa (*mass media*) da época: a imprensa, que reinava absoluta com sua escrita industrializada, o cinema e o rádio, que tornavam a comunicação mais rápida e técnica e reduziam a linguagem “a um sistema de sinais e abreviações cuja função era ser “transmissora de realidades”. Tal atitude colocava em questão o trabalho paciente dos escritores de buscar as metáforas, as combinações de figuras para construir seus edifícios poéticos, recorrendo sempre à imaginação e à linguagem “enquanto criadora de ilusões”. Além disso, outro aspecto refletido é a qualidade e não a quantidade das obras e o tempo de dedicação à leitura. “O homem moderno é, em geral, um leitor detestável”, diz Valéry. Ainda que houvesse muitos leitores, isso não era de modo algum a certeza de nível de cultura refinado ou a garantia de uma leitura prazerosa, por meio da qual eles poderiam tomar seu tempo, saborear as palavras e degustar minuciosamente a forma. Pelo contrário, imersos na nova rotina, os “leitores em trânsito” liam jornais e obras às quais se atribuía um valor efêmero, muitas delas de caráter filosófico e abstrato, que se manifestavam no interior de uma literatura puramente imaginativa, o que ocasionava, como consequência, a formação de um público incapaz de refletir criticamente a própria situação em que vivia e o seu nível cultural.

Na conferência *O destino iminente das Letras*, que faz parte de um conjunto de entrevistas do *Comité des Lettres et Arts*, em 1937, o temor de Valéry em relação ao possível “desaparecimento de uma cultura escrita” e às condições da criação literária e da formação de seus leitores se agudiza. Agora de maneira mais pessimista, dado que o futuro da literatura enquanto produção do espírito estaria destinado à ruína, caso viesse a se transformar em literatura puramente oral. O interesse das pessoas pela leitura dos versos e apreciação da forma se reduzira drasticamente. Enquanto as obras literárias, em sua origem, se destinavam a um pequeno número de leitores e eram capazes de criar seu público, exigindo uma leitura calma e meditativa, as emissões de rádio e o cinema, pelo contrário, teriam sido criados para

⁶ Além da conferência mencionada, as outras conferências traduzidas para o suplemento literário New York Herald Tribune foram: “Minha obra e eu” e “A questão da Europa”, além de um estudo sobre a “poesia pura” que será retomado nas “Notas para uma conferência”, publicado em *Œuvres I*, p. 1456-1463 (N.T).

os grandes públicos, voltados sempre para as massas, com sua difusão de informações passageiras e rápidas⁷. Além disso, Valéry menciona as condições materiais da literatura, o preço de venda, a fabricação do livro. Para fazer sua obra vir à expressão, os homens das letras deveriam dispor das condições necessárias de tempo e espaço, vivendo o ócio criativo como “um parasita” num modelo econômico organizado. Além da tensão entre escrita e oralidade, havia também uma estreita relação entre a economia e a qualidade da produção literária. O poeta francês se refere também ao risco de a língua francesa perder seu poder de significação, sua forma, sua sintaxe, face à iminente força econômica da técnica, com uma linguagem fabricada pela imprensa de modo grosseiro, que incorporava a si estrangeirismos. A consequência de tudo isso era a produção de uma literatura de aventuras, com inclinação para um realismo fatídico que narra os acidentes da vida humana, o que desobrigaria o leitor de também contribuir com a obra, à medida que se tornaria completamente passivo diante dela.

É inegável que as previsões de Valéry são atuais e muitas delas se confirmaram. Que o futuro predito por ele é o nosso presente. No entanto, sua postura conservadora de uma tradição, seu pessimismo não reacionário diante do futuro da literatura e da cultura à beira do abismo, destinadas a morrer, suscitam, ao menos, duas interpretações: por um lado, a nostalgia de um mundo finito, aristocrático, que vê a decadência da cultura escrita como algo inevitável face ao papel preponderante das novas mídias de massa; por outro, o apego a um passado que resiste às mudanças e às influências que o desenvolvimento tecnológico poderiam aportar para o conhecimento e a formação linguística e cultural de um público. É notório que essas conferências de Valéry nos fazem pensar, sobretudo, no papel ambíguo que as novas tecnologias digitais desempenham na formação ou desinformação intelectual, social e política do público, desde a oferta de uma comunicação célere que atinge quase todo o planeta e promovem certo tipo de entretenimento e de relações pessoais (aludimos ao poder de alcance e ao risco de empresas privadas de tecnologia controlarem a comunicação global), mas, por sua vez, dominam, cooptam o tempo e espaço dos usuários e impactam diretamente na qualidade de sua formação, tornando-os completamente submissos e acrílicos, e às vezes passivos, em relação aos acontecimentos que permeiam a vida individual e coletiva.

⁷ No texto “O discurso sobre o cinema”, Paul Valéry confessa que não vai muito ao cinema e demonstra sua preocupação ao falar se o cinema faz um serviço ou desserviço ao espírito humano, dada a capacidade dessa arte de administrar em massa os espíritos – característica que se assemelha à função das emissões de rádio e da propaganda naquela época (VALÉRY, Paul. **Souvenirs et réflexions**, 2010, p. 181-186, N. T).

No final, a lucidez de Valéry nesses textos prevaleceria sobre o conservadorismo? A tradição de uma cultura escrita ainda tem o papel de instituir a verdade das coisas? A poesia é ainda hoje eficaz para a conservação das formas refinadas de linguagem? Ela precisa ser necessariamente engajada? Certo é que o interesse pela arte dos versos parece cada vez mais raro em nosso século. Nesse sentido, o pessimismo do poeta poderia ser interpretado como uma tentativa de supressão da escritura (em seu sentido amplo de instituir matrizes simbólicas para a vida permeada pela linguagem e pela imaginação) pelas novas mídias, com seu poder de matar no sujeito o princípio da crítica, da liberdade, da reflexão e, talvez, do altruísmo em um mundo comum? De fato, esses textos de Valéry se revelam mais que atuais, uma vez que a destruição e ressignificação das formas, tais como a monopolização das mídias opera na linguagem em prol de uma escrita rápida e técnica e contra o ato do pensar, podem nos conduzir à perda do poder de significação da linguagem e, conseqüentemente, ao desconhecimento do processo histórico de construção do discurso, ao esvaziamento do sentido e à ausência de clareza do pensamento. Por isso, quando Valéry insiste no risco de a oralidade suprimir uma tradição da cultura escrita, ou no papel primordial da língua na economia geral das mídias, é preciso escutá-lo. Pois, cremos, as obras literárias, quando realizadas com o cuidado pela forma e com o esmero na linguagem, têm o poder, mesmo que nos écrans, de abrir uma janela para a liberdade do leitor, através da qual ele poderá saborear o livro com paciência, produzindo uma relação de familiaridade com o objeto desejado; elas serão sempre um contato a dois, um sussurro na orelha, uma manifestação intersubjetiva que une escritor e leitor em torno de si-mesma e oferecem a este último um mundo a descobrir, com seus desvios, vazios, lacunas e imperfeições, convidando-o a preenchê-los.

Eis pois as traduções de 1) *L’avenir de la littérature* e de 2) *Le destin prochain des lettres*.

1 O FUTURO DA LITERATURA (*L’avenir de la littérature*)

Eu não sei se o que denominamos literatura deve ter um futuro, se a transformação extraordinária da vida humana e das relações dos espíritos⁸ que estamos começando a testemunhar permitirá um desenvolvimento posterior dos livros, e se o uso dos meios de

⁸ Escolhemos traduzir a palavra “esprit”, que em francês pode significar tanto espírito como mente, por espírito, já que Valéry reforça a potência do espírito que é habitado pela sensibilidade, e com isso nos obriga, indiretamente, a ampliar a noção de mente, liberando-a de toda redução a um biologismo dominante (N.T).

linguagem para a excitação dos espíritos será ou não, no futuro, preservado. Será possivelmente substituído por outros meios de atingir a sensibilidade e a inteligência dos homens? Podemos já nos interrogar se uma vasta literatura puramente auditiva e oral não sucederá, em um espaço de tempo relativamente curto, a literatura escrita que nos é familiar. Faço alusão ao modo de transmissão radiofônica que se propaga cada vez mais no mundo⁹. Por outro lado, os processos de registro de imagens e de transporte à distância da visão direta das coisas têm também o potencial de modificar profundamente as relações humanas, antes fundamentadas na escritura. Imaginemos, por exemplo, que a parte descritiva das obras possa ser substituída por uma representação plástica direta e a parte sentimental, por uma ação direta, de natureza mais ou menos musical – e isso, graças ao que poderíamos chamar de disponibilidade permanente da música devido aos dispositivos de gravação ou transmissão.

* * *

Em resumo, não é proibido imaginar que a literatura possa se tornar, a curto prazo, uma arte tão inatural e afastada da vida e da prática quanto o são para nós a arte heráldica, a geomancia ou a ciência da caça ao falcão. Talvez, em um século, ainda haverá alguns professores que decifrarão laboriosamente nossos caracteres de escritura e que restituirão, por meio de um extenso trabalho crítico, o estado dos espíritos de uma época em que a linguagem escrita era o principal meio de conservação e transposição dos pensamentos e das impressões.

Para conceber a possibilidade de uma tal mudança, ou melhor, para constatar, nos fenômenos os quais já testemunhamos, o que pode corroborar a profecia assustadora que acabo de fazer, basta observar o que aconteceu há alguns séculos na evolução da literatura. A literatura é uma arte fundamentada no *abuso da linguagem*, na linguagem enquanto criadora de ilusões em oposição à linguagem transmissora de realidades. Tudo o que torna uma linguagem mais precisa, que acentua nela seu caráter prático, todos os sacrifícios que se lhe impõem em vista de uma transmissão mais rápida e uma difusão mais fácil, são contrários à sua função de instrumento poético. Em cada nação, a linguagem comum é penetrada progressivamente por palavras estrangeiras. Por outro lado, as numerosas linguagens técnicas criadas a partir do zero para as necessidades das ciências e da indústria penetram cada vez mais a linguagem ordinária. Além disso, o uso dos meios rápidos de comunicação verbal torna a língua usual cada vez mais pobre em formas complexas. Na maioria dos casos, essa

⁹ “O interesse de Valéry pelo rádio está diretamente ligado à sua participação, desde 1927, no Comité das emissões de rádio, presidido por Henry de Jouvenel, e ele tem por tarefa melhorar o teor dos programas e fazer todas as sugestões que julgar convenientes” (N. A). VALÉRY, Paul. **Souvenirs et réflexions**, 2010, p. 131).

língua habitual se distancia notavelmente da língua literária que, pouco a pouco, constitui um tipo de linguagem clássica, quase uma língua morta, que se equipara ao grego e ao latim. Assim, à medida que a linguagem se torna cada vez mais técnica, reduzida a um sistema de sinais e abreviações, exclui progressivamente as nuances, as superabundâncias, o vocabulário rico, as reviravoltas complexas que permitiam aos escritores de outrora introduzir na expressão toda a riqueza de intenções, todos os recursos que denominamos ornamentais. É possível que a humanidade renuncie doravante a explorar essa floresta de símbolos¹⁰ em que os grandes caçadores de imagens de outrora, tais como eram os poetas bíblicos ou os sutis observadores de aves da Pérsia, perseguiam e alcançavam as metáforas, as combinações de figuras com as quais emolduravam e decoravam seus edifícios poéticos.

Não é só isso. Toda literatura é dominada pelas condições do público ao qual ela se destina. Todo livro visa um leitor que corresponde, no espírito do escritor, a uma ideia que ele tem de seus contemporâneos. Em suma, em matéria literária e artística, há um tipo de lei da oferta e da procura. Os leitores de uma determinada época obtêm sempre a qualidade da literatura que desejam, de acordo com sua cultura e capacidade de atenção. O homem moderno é, em geral, um leitor detestável. O tempo não é mais aquele em que um texto podia ser longamente meditado, quando os amantes da leitura passavam suas noites à luz de uma vela, apreciando meticulosamente um livro, esforçando-se para compreender todas as intenções e aprofundar o pensamento norteador, ao mesmo tempo que saboreavam detalhadamente a forma. Entretanto, se o leitor não dispõe nem do tempo nem da paciência para apreciar e ponderar as palavras que lhe são oferecidas pela leitura, o autor, por sua vez, deixará de procurá-las com esmero e de pesá-las enquanto as escreve. Os mais cultos entre nós já se satisfazem com essa maneira de ler. Eles leem o jornal e obras às quais atribuem um valor efêmero sem a menor atenção à forma na qual são escritos. Seu espírito encontra nesses escritos apenas elementos brutos de informação ou distração passageira, o que resulta, em um número cada vez maior, na satisfação do leitor com enunciados desorganizados, afirmações sem provas, emissões quase brutais, ao passo que toda coordenação formal, tudo o que exige uma atenção de qualidade elevada, desaparece.

Não devemos esquecer que a grande maioria dos homens modernos, inseridos nas engrenagens de uma vida rigorosamente cronometrada, só pode dedicar à leitura um tempo estritamente limitado, e esse tempo é, aliás, de natureza muito peculiar. Essa grande maioria

¹⁰ Podemos reconhecer a fórmula de Baudelaire que, nas *Correspondances*, evoca a Natureza onde o homem passa “através de florestas de símbolos” (N. A).

dispõe, em média, de apenas cerca de cinquenta minutos diários para se dedicar à *leitura prazerosa*. É uma pequena hora em comparação com a vasta produção contemporânea. Essa hora é, necessariamente, dedicada aos jornais em vez das revistas, às revistas em vez dos livros, ou seja, é destinada a coleções cada vez mais lidas à medida que se tornam mais incoordenadas. Pois, por definição, um jornal é composto por dados mais incoerentes do que uma revista, e esta, por sua vez, mais incoerente do que um livro. Como consequência, essa grande maioria dos espíritos está inevitavelmente submetida, durante esse breve momento em que pode dedicar ao desenvolvimento mais livre e que deveria ser o mais refinado de seu espírito, a um regime no qual a incoerência e a cintilação são, em resumo, a regra. Além disso, essa pequena hora se passa em alguns dos meios de transportes aos quais os habitantes das grandes cidades se veem obrigados a recorrer diariamente. A leitura ocorre em trens, bondes, metrô e ônibus, e as características técnicas dos escritos tendem necessariamente a ser aquelas de obras que podem ser lidas nessas condições de movimentos e caos. Percebe-se que eu não tenho grandes ilusões quanto ao futuro da literatura como arte que pode se aprofundar.

* * *

As considerações anteriores podem ser questionáveis ou não, mas acredito que essa maneira de apreciar as coisas da literatura tem, pelo menos, a vantagem de nos fazer considerar a existência e a evolução dessa arte em sua relação com a vida e o funcionamento desta em uma determinada época. Possivelmente não tenhamos examinado o suficiente as coisas da literatura sob esse aspecto, e talvez seja vantajoso fundamentar um estudo de seu desenvolvimento, de suas grandezas e períodos de fraqueza, concentrando o esforço principal não tanto nas obras conforme foram preservadas, mas na possibilidade e até mesmo na probabilidade da produção dessas obras.

Fatos como o aumento prodigioso do número de homens alfabetizados em cada nação ao longo do último século representam uma importância incalculável na produção sucessiva de obras. Estou profundamente convencido de que uma análise minuciosa das consequências desse aumento produziria resultados totalmente inesperados. Em particular, parece-me muito provável que o desenvolvimento que ocorreu na Europa a partir de 1852¹¹, de obras de uma literatura extremamente refinada, complexa, de expressão profundamente estudada e, por isso mesmo, inacessível a muitos, esteja correlacionado com o aumento do número ao qual me

¹¹ Na França, é o ano em que aparecem *Émaux et Camées* de Gautier e os *Poèmes antiques* de Leconte de Lisle (N.A).

referi. Certamente, houve um tipo de compensação, e foi necessário que essas obras raras, refinadas e de acesso restrito se opusessem à expansão desmedida do campo literário e à produção intensiva da qualidade mediana ou inferior que se manifestava em outra instância.

* * *

Podemos associar a esse fato um outro bem diferente que tem sido observado nos últimos anos: o crescente interesse do público por obras de caráter filosófico. Pode-se afirmar que a proliferação extraordinária de obras puramente impressionistas ou de imaginação pura, ou seja, romances e contos, provocou uma reação inconsciente de um número notável de espíritos que se voltaram para uma ocupação de seus tempos livres que lhes parecia menos arbitrária. É notório que obras de caráter bastante abstrato se difundem hoje com muito mais facilidade do que há trinta anos. Além disso, ao examinar mais de perto essa questão específica, seria fácil demonstrar que esse fenômeno já se manifestou, de certa forma, no interior da própria literatura puramente imaginativa. O romance que, em suas origens, é uma narrativa destinada a fazer o leitor viver em um mundo imaginário de aparência real – uma espécie de ilusão literária –, que, sob a forma de aventuras maravilhosas, histórias de amor, histórias criminais etc. desempenhou papel tão importante na vida mental da humanidade, foi abordado, em diversas ocasiões e há bastante tempo (muitas vezes com grande sucesso), com um espírito muito diferente do fantasioso. Em diversas ocasiões, tentou-se de algum modo resgatar o caráter puramente *suntuário* da obra da imaginação, introduzindo nela, por meio de diversas formas, *valores didáticos*. Os romancistas se interessaram ora por sociologia, ora por psicologia; por vezes buscaram utilizar os resultados de pesquisas científicas; em outras ocasiões, aspiraram exercer uma influência de ordem religiosa. Além disso, e fora dessas intenções e combinações específicas, a criação do romance realista foi apenas a expressão do desejo de reduzir a parcela arbitrária nas obras – cujo arbitrário é, no entanto, a essência –, e de conectar a experiência real à construção fictícia do espírito da fantasia...

* * *

Por vezes, pego-me pensando que literatura singularmente *esportiva* terá seu lugar no futuro.

Excluamos das possibilidades literárias tudo o que a expressão direta das coisas e a manipulação direta da sensibilidade pelos novos meios (o cinema, a música *onipresente* etc.) tornam inútil ou ineficaz hoje para a arte da linguagem.

Excluamos também toda uma ordem de assuntos (psicológicos, sociológicos etc.) que o aumento da precisão nas ciências que os abordam tornará difícil de tratar livremente.

Restará às Letras um domínio privado: *o da expressão simbólica e dos valores imaginários* provenientes das livres combinações dos elementos da linguagem.

Do mesmo modo que o aumento da energia disponível e dos meios mecânicos ou elétricos, que têm o efeito de reduzir enormemente o uso de nossos músculos, nos permitiu criar – ou melhor nos obrigou a criar – empregos *puros* para esses músculos e desenvolvê-los *mais, e de maneira mais harmoniosa*, através do *jogo* do que eram antigamente, por meio do labor e do trabalho obrigatório e desigualmente distribuído, talvez aconteça o mesmo com a função complexa da linguagem.

Assim, estaríamos em uma fase ingrata e numa era crítica dessa função notável.

2 O DESTINO IMINENTE DAS LETRAS (*Le destin prochain des lettres*)¹²

Podemos expressar temores quanto à conservação das formas delicadas ou complexas da linguagem que permitem a expressão de nuances e combinações de ideias mais ou menos distantes do uso prático. As condições da criação literária e da formação dos leitores são atualmente ameaçadoras para a qualidade das obras. Há oposição entre as funções do discurso, dependendo se ele requer uma colaboração mais ou menos ativa, uma capacidade de atenção e uma cultura do leitor mais ou menos desenvolvida.

Algumas obras são criadas pelo público e outras criam seu público¹³. E se testemunhamos atualmente uma alteração da língua, com o uso frequente e aceito de formas ou cursivas ou degradadas, isso se deve, sem dúvida e sobretudo, ao fato de a educação do público ser realizada por meio de leituras apressadas e incoerentes, de efeitos brutais e imagens violentas.

¹² “As Entrevistas do *Comité das Letras e Artes* de 1937 acontecem em Paris, no *Instituto Internacional de Cooperação Intelectual*, entre os dias 20 e 24 de julho. O tema escolhido por Valéry foi *O destino iminente das letras*, e entre os participantes figuravam Paul Hazard, professor no Collège de France, Salvador de Madariaga, antigo embaixador da Espanha em Paris, Gabriela Mistral, futura vencedora do prêmio Nobel de Literatura, Georges Duhamel e Jules Romains. Os congressistas foram orientados a preparar uma contribuição escrita e leremos aqui a de Valéry, que presidiu essas Entrevistas”. Comentário feito pelo autor Michel Jarrety para explicar o contexto no qual a conferência foi pronunciada (VALÉRY, Paul, **Souvenirs et réflexions**, 2010, p. 173).

¹³ É a ideia que Valéry acabara de formular alguns meses antes no *Ensino da poética no Collège de France*, texto programático que ele redigiu no momento de sua candidatura a uma cadeira, justamente, de poética (**Œuvres I**, p. 1442). (N. A).

Em 2023, foi publicado pelas edições Gallimard as aulas e notas do **Cours de Poétique I e II** que Valéry ensinou no Collège de France, de 1937 a 1945. Um material indispensável para compreender o sentido moderno e original que ele dá ao conceito de poética e à literatura enquanto obra do espírito. (N. T).

Tornaram-se raríssimas as pessoas que sabem ler os versos, apreciar neles a ressonância, que examinam e saboreiam uma palavra que o poeta, às vezes, levou dias para encontrá-la. A leitura calma e meditativa está condenada a desaparecer; o carro, o cinema, as notícias precipitadas dos jornais estabelecem nos espíritos uma desordem fatal tanto para a composição quanto para a crítica. O hábito de não se aprofundar nos pormenores se generaliza. Ele se estende àqueles cuja profissão e privilégio era, outrora, ponderar e esclarecer suas ideias. É preciso admitir que alguns livros exerceram uma ação coletiva extraordinária. Basta mencionar *Le Capital* ou *l’Essai sur l’inégalité des races* de Gobineau.

No entanto é preciso restringir a questão da literatura a ela mesma. Ela pode ser reduzida, evidentemente, ao entretenimento, ao divertimento que permite ao leitor viver uma vida factícia, uma outra vida que não a sua, mas não é certo que a literatura, tal como a amamos e a praticamos, continue.

As condições da existência literária supõem inicialmente a existência material da literatura, que compreende a existência material dos homens que escrevem e a fabricação material do livro, seu preço de venda etc. Afinal a literatura depende da vida daquele que faz literatura, do escritor e das condições nas quais ele pode externalizar sua obra.

Em seguida vem a questão crucial da cultura daqueles a quem a literatura se destina, o nível da cultura. Talvez esta seja a mais grave das questões que iremos examinar. Insistamos nisso! A cultura geral está certamente em via de diminuição. Não que o número de leitores tenha reduzido – nunca houve tantas pessoas capazes de ler –, mas eles têm sido educados de maneira defeituosa: em geral, eles só leem jornais. Ora, do ponto de vista das formas e das ideias, uma cultura fundamentada apenas na leitura de jornais é uma cultura limitada. O dia em que vimos pela primeira vez uma novela, um conto entrar no jornal, pudemos afirmar que o jornal era fatal para a literatura. Muitos literatos vivem disso, mas a forma, que é essencial para a expressão das ideias, está em processo de degenerescência.

Assim, portanto, questão do produtor em sua vida material e questão do leitor e sua cultura. Como tentar continuar a formar o que tínhamos outrora, que foi, em síntese, a base, o solo fértil da literatura, ou seja, o pequeno número de pessoas instruídas, o pequeno número de pessoas com bom gosto, com tempo e lazer para ler, para ler algo profundamente? Essa é uma questão, na minha opinião, crucial.

Isso se vincula à organização econômica de modo mais direto. É certo que a vida do homem das letras é muito difícil de conceber quando inserida numa economia completamente organizada, pela simples razão de que esse homem pode ter necessidade, para sua obra, de

passar trinta anos sem produzir nada, trabalhando, conseqüentemente, de maneira parasitária. Na verdade, ele será sempre um parasita, pois só pode oferecer em troca coisas que não têm nenhuma utilidade para a vida. Ele não se encaixa em um ciclo econômico organizado. De modo que se a economia pública se tornar bem mais rigorosa, cada vez mais centrada em intercâmbios precisos, a vida literária se tornará quase impossível. Pelo menos essa eventualidade é considerada.

Há ainda outras questões, como a conservação da qualidade da linguagem. Ou ainda a questão do ensino, que se liga a essa formação, e a do autor e do leitor que mencionei anteriormente.

Seria interessante que soubéssemos como está, em cada nação, a evolução das condições das formas da língua literária. Essa questão da linguagem literária é primordial porque, em todos os países onde a cultura literária foi impulsionada durante muito tempo, acontece um tipo de separação, constrói-se uma língua literária mais refinada, escolhida, cujas formas são observadas com mais rigor e possui um vocabulário mais selecionado. Essa tendência pode ser notada nos diversos países onde há uma literatura com vários séculos de atividade literária. Hoje, esse tipo de especialização, que eu aprovo enormemente, tende, ao contrário, a desaparecer, e, apesar de esforços individuais mais ou menos pronunciados, a língua geral se impõe insensivelmente com o mesmo valor, ou a mesma ausência de valor. Aviltamento dos termos, aviltamento das formas, ampliação etc., de modo que haveria aqui um importante debate a ser levantado. Seria necessário revelar aos escritores que eles marcham para a ruína de sua língua.

Dou-lhes um exemplo muito recente que retirei de uma das últimas aulas de trabalho na Academia francesa. Há um punhado de palavras francesas que desapareceram no espaço de uma geração ou mais, palavras precisas, de origem popular, geralmente muito belas. Elas se esvaem diante da má abstração, dos termos técnicos – da má técnica – que invadem nossa língua. Nessa aula na Academia francesa, retomamos o dicionário desde o início – esse dicionário que concluímos há três meses e todos estavam de acordo – sobre um termo que significa alimentar pelo bico [*donner la becquée*]: nutrir alguém [*abecquer*]¹⁴, para afirmar: essa palavra, que foi indicada aqui, considerada como familiar no antigo texto do dicionário, nós nunca a ouvimos. Nunca ninguém a havia escutado, mesmo na memória de um

¹⁴ Trata-se do pássaro que alimenta seus filhotes com pequenas porções através do bico. Em sentido figurado, pode significar: dar alimento de natureza real ou espiritual a alguém que a recebe sem esforço (N.T). (<https://www.cnrtl.fr/definition/abecquer>. Acesso em: 12 mar. 2024).

acadêmico! Aqui está uma palavra morta, acabada, não é mais francesa. E o mesmo acontece para uma série de outras palavras. Com frequência, termos encantadores, a meu ver preciosos, desaparecem porque a língua, em vez de conduzir diretamente o indivíduo à sua experiência própria, torna-se algo fabricado de maneira anônima pela imprensa, pelo uso grosseiro do falar. Trata-se de um empobrecimento. O mesmo acontece com as “formas” do idioma, vemos desaparecer modos dos verbos, não há mais subjuntivos etc. Frases um pouco mais longas são difíceis de compreender para as pessoas de hoje. Vemos uma reação da arte moderna em relação à linguagem das nações. Seria então curioso saber se todas as nações estão neste ponto ou se há apenas um pequeno número entre elas.

Um outro ponto permanece: a faculdade da abstração e da meditação ou da reflexão que, na minha opinião, está em declínio. Os romances da moda tendem simplesmente para a aventura, para uma quantidade indefinida de narrativas que abordam os acidentes da vida humana, mais ou menos bem elaboradas, mas que têm sempre como característica comum afastar-se da estação de um texto e da obrigação ao leitor de fornecer. No entanto, eis a grande questão: na literatura, para que ela valha alguma coisa, é preciso que o consumidor produza. Se o consumidor não produz e se contenta de ser passivo, de receber o alimento que lhe é oferecido, então a literatura perece, mesmo a literatura de imaginação de qualidade elevada. Se o leitor não produz, se não é capaz de acrescentar ao que lhe é dado, de fornecer por si mesmo um trabalho intelectual, um trabalho mental de certa qualidade, a literatura declina em qualidade de uma maneira fatal.

Não devemos esquecer da literatura oral. As emissões de rádio estão ainda em estado embrionário. Mas o que acontecerá com a literatura se ela se tornar oral¹⁵? Já me aconteceu de dizer que haverá, talvez um dia, quando ninguém saberá ler ou escrever, um professor do Collège de France que anunciará pelo rádio: “Eu decifrei uma antiga inscrição onde consegui ler: *Le petit Parisien!*” De fato, é possível que a escrita e a leitura se modifiquem cada vez mais, e completamente; inscrições diretas de discos vão, talvez, tornar-se habituais. Podemos conjecturar sobre o que será criado pela literatura e, na verdade, haverá um retorno a coisas antigas muito belas e, em particular, à eufonia, que está em declínio, à dicção, à bela forma etc. Essa forma seria diferente da que temos atualmente, pois é evidente que a escritura trouxe ao trabalho literário retoques, revisões, rascunhos, correções, uma série de aprimoramentos à literatura que jamais existiriam se tivéssemos uma literatura puramente oral. Em resumo,

¹⁵ Essa pergunta se conecta justamente com a questão levantada na primeira página da conferência *O futuro da literatura* (N.T).

desapareceria a maneira de trabalhar um texto, de purificá-lo ou enriquecê-lo, que decorre do fato de termos diante de nossos olhos o que escrevemos e que o revisamos a nosso bel-prazer, seja uma vez, dez vezes, cem vezes, se necessário.

Aliás, se doravante praticarmos apenas a literatura puramente oral, certamente outras qualidades serão destacadas. Tudo isso é hipotético, mas merece toda atenção de vocês. Pelo contrário, acredito menos no filme, em sua influência duradoura e profunda sobre a literatura.

REFERÊNCIAS

JARRETY, Michel. **Paul Valéry**. Paris: Fayard, 2008.

VALÉRY, Paul. **Cahiers I**. Édition établie et annotée par Judith Robison-Valéry. Paris: Gallimard, 1973.

VALÉRY, Paul. **Cahiers II**. Édition établie et annotée par Judith Robison-Valéry. Paris: Gallimard, 1974.

VALÉRY, Paul. **Cours de Poétique I: le corps et l'esprit – 1937-1940**. Édition établie, présentée et annotée par William Marx. Paris: Gallimard, 2023.

VALÉRY, Paul. **Cours de Poétique II: le langage, la société, l'histoire – 1940-1945**. Édition établie, présentée et annotée par William Marx. Paris: Gallimard, 2023.

VALÉRY, Paul. **Œuvres I**. Édition établie et annotée par Jean Hytier. Paris: Gallimard, 1957.

VALÉRY, Paul. **Œuvres II**. Édition établie et annotée par Jean Hytier. Paris: Gallimard, 1960.

VALÉRY, Paul. **Souvenirs et réflexions**. Édition établie et annotée par Michel Jarrety. Paris: Éditions Bartillat, 2010.